

# A EDUCAÇÃO NA CIDADE: O PATRIMÔNIO QUE EDUCA A INSTITUIÇÃO QUE SISTEMATIZA

Isabelle de Luna Alencar Noronha  
Prof<sup>a</sup> Drm<sup>a</sup> UFPB/URCA <isabelledeluna@hotmail.com>

*A lição social: todos partilhamos de um mesmo mundo. Pequenos e grandes são companheiros numa mesma aventura. Todos se ajudam. Não há competição. Há cooperação.*

*Rubem Alves*

## Um início de conversa

As discussões aqui apresentadas não se configuram como definitivas, mas como o recomeço de um diálogo iniciado em 2006 quando me propus a pesquisar a Fundação Casa Grande – Memorial do Homem Kariri, uma organização não-governamental, fundada em 1992, que se apresenta como “uma escola de comunicação para a meninada do sertão” e abriga em seu contexto socioeducativo crianças, adolescentes, jovens e adultos, que são chamados de “meninos” e “meninas” da Fundação Casa Grande (FCG).

A FCG é uma Organização Não-Governamental (ONG) que propõe segundo o seu estatuto e realiza conforme suas ações, pesquisa e socialização de conhecimentos sobre a cultura material e imaterial do homem Kariri e de seu ambiente,

Art. 2º - A Fundação Casa Grande Memorial do Homem Kariri tem por finalidade:  
III – Pesquisar, preservar, coletar, juntar em acervo, comunicar, exibir e publicar para fins científicos, de estudo e recreação, a cultura material e imaterial do homem Kariri e de seu ambiente;  
IV – Estabelecer registro e cadastramento do Patrimônio Cultural da região do homem Kariri, com fins de cuidar do acervo arqueológico e ecológico; V – Servir de instrumento de evolução para as artes e a cultura do homem Kariri; VI – Formular e incentivar projetos nas áreas de arte e cultura, educação, meio ambiente, saúde e desenvolvimento social e tecnológico.

(Estatuto Interno da Fundação Casa Grande – Memorial do Homem Kariri - )

O artigo supracitado já norteia o que se propõe este texto: trazer à discussão as formas como a FCG, fazendo uso da cultura material e imaterial dos lugares da cidade, na qual está inserida, trabalha a educação patrimonial.

Para Horta, Grunberg e Monteiro (2006) a Educação Patrimonial consiste em provocar situações de aprendizado sobre o processo cultural, seus produtos e manifestações, aguçando a curiosidade dos envolvidos para descobrir mais sobre ele e também sobre o meio-

ambiente no qual está inserido. A FCG faz isso por meio de suas práticas educativas não-formais.

Participam da FCG meninos e meninas (é assim que são chamadas as crianças, adolescentes, jovens e adultos da casa) que queiram nela estar, o acesso é livre, porém exige-se que este menino/a esteja matriculado/a na educação formal (escolar).

A ação educativa desta ONG se efetiva por quatro programas: **Comunicação**, se dá através da rádio Casa Grande FM, com uma programação feita pelos meninos e meninas do lugar; documentários televisivos que abordam temas e curiosidades da região do Cariri cearense ou da cidade de Nova Olinda no Ceará, bem como dos acontecimentos da FCG; também possui a editora, em que são feitos os gibis educativos; possui duas bandas musicais, uma formada pelos meninos/as de idade de até 14 anos, é a banda de lata, que se utiliza de instrumentos feitos pelos próprios meninos/meninas; outra, é uma banda “profissional”, formada por jovens que já pertenceram a “banda de lata”, uma brincadeira de criança que deu certo e tornou-se adulta. O interessante é que, através desses artefatos culturais e tecnológicos eles buscam sempre cantar e divulgar a região a que pertencem.

Outro programa é o de **Artes** que através de parcerias firmadas entre a FCG e outras instituições, como o Centro Cultural do Banco do Nordeste, exhibe semanalmente apresentações culturais nos espaços do seu Teatro de Artes Cênicas Violeta Arraes. Também promovem a exibição de filmes do acervo de sua videoteca/DVDteca. As exhibições acontecem no teatro, as sessões são para crianças e jovens em horários e dias diferenciados.

Há uma bodega, no interior da FCG, em que os pais dos meninos que dela participam e que fazem parte da COOPAGRAN (Cooperativa de Pais e Amigos da Fundação Casa Grande), comercializam artesanatos por eles produzidos.

O programa **Turismo** busca desenvolver uma outra concepção de turismo que engloba ecologia, estudos e solidariedade. Foram construídas nas casas dos pais que participam da COOPAGRAN, pousadas domiciliares para receberem os turistas. A idéia é que os viajantes possam conviver com a rotina diária da família, conhecer os costumes locais, aprender e ensinar maneiras de ser e de viver.

Segundo Noronha (2008), a região do Cariri cearense fica localizada no semiárido nordestino, no entanto, caracteriza-se por apresentar clima diferenciado com períodos de chuvas regulares e rica paisagem. Nela se localiza a Floresta Nacional do Araripe, a FLONA, primeira floresta criada por decreto em solo brasileiro. Desde 2006, a região ganhou destaque internacional ao abrigar o primeiro Geopark da América Latina, esta é a especificação dada a

...um território com limites definidos e que possui sítios de grande valor científico cujos patrimônios cultural, histórico, ambiental, científico e socioeconômico apresentam importância, raridade, riqueza em biodiversidade e contam a história da terra, conferindo identidade ao lugar. ([www.geoparkararipe.org.br](http://www.geoparkararipe.org.br), acesso em 14 de junho de 2011)

A função de um *Geoprak* é para além da proteção e preservação dos registros científicos, ambientais e culturais, a promoção de visitas exploratórias, oferecimento de infraestrutura de apoio aos estudantes, pesquisadores e turistas que assim o desejem.

Os meninos/as da FCG escreveram, editaram e publicaram um gibi sobre o *Geopark Araripe*, este trabalho é o “Casa Grande TUR nr. 24 de outubro de 2007”, eles apresentam a Região do Cariri cearense expondo suas belezas naturais e a forma como podemos preservá-la. De alguma forma todos os gibis que produzem, assim como os documentários, têm relação com a cidade, o lugar, a região onde moram. Podem ser catalogados em três grandes temas: as Lendas locais, associadas aos lugares que a geraram, que não necessariamente se concentram na cidade de Nova Olinda, mas engloba toda a Região do Cariri cearense; A Casa Grande no seu cotidiano e temas educativos direcionados a adolescentes e jovens tais como o combate ao tabagismo e o uso de camisinhas em relações íntimas.

Compreendemos, de acordo com Oriá (1999) *apud* Noronha (2008, p.149), que os meninos e meninas passam por um processo de educação patrimonial que se evidencia na utilização de museus, monumentos históricos, arquivos, bibliotecas, paisagens naturais, lugares e suportes da memória a fim de desenvolver a sensibilidade e a consciência para a preservação destes bens culturais.

O último programa aqui citado é o **Memória**, foi a partir dele que este projeto educativo nasceu e cresceu, no entanto, essa separação nos parece ser apenas didática e organizacional posto que todos esses programas se enlaçam e se perpassam como um todo significativo.

O programa Memória traz o museu, o “memorial do homem Kariri”. Na definição de Oliveira (2008), museus são espaços privilegiados da constituição da memória e da identidade. Também são locais de poder, o exercício desse poder constitui lugares de memória, que, por sua vez, passam a ser dotados de soberania.

As peças expostas dizem respeito ao processo de constituição da própria ONG, que se fez independente do poder local instituído, o que faz com que ela não tenha que seguir a política do lugar para sobreviver, é uma maneira de passar a mensagem: somos independentes. Há ainda a cultura material e imaterial do homem kariri e buscam significar/ressignificar os modos de viver dos homens primitivos que habitaram esta região, e

que deixaram suas marcas em pedras, utensílios, pinturas rupestres... Há também, as fotografias dos lugares da memória, aqueles que abrigam contos, lendas, folclore.

## **A Educação Patrimonial**

A FCG tenta ir recompondo a história dos primeiros habitantes, dessa região, indo a campo (com excursões científicas à Chapada do Araripe) e, no contato diário com o seu entorno, conscientizando as pessoas que o visitam (diariamente cerca de cinquenta visitantes) a partir dos seus meninos e meninas que explicam todo o acervo do museu e da FCG, como um todo, enfatizando a importância de se conhecer histórias, lugares, ter identidade com o meio e a cidade em que se vive para ajudar a protegê-la.

Isto posto, porque a cidade (os seus lugares) para além de suas “...tradicionalis funções econômicas, sociais, políticas e de prestação de serviço tem uma função educadora...” (MOLL, 2004, p. 41). Como poderíamos traduzir a função educadora da cidade?

Moll (2004) traz à leitura um movimento que aglutinou uma rede internacional de cidades ao longo dos anos 1990, a partir da experiência de Barcelona, capital da Catalunha – Espanha, que vem apontando possibilidades para uma re-leitura da cidade como espaço de convivência intercultural, intergeracional e de construção de múltiplos saberes.

Esta re-conceitualização pressupõe a compreensão da cidade como uma grande rede ou malha de espaços pedagógicos formais (escolas, creches, faculdades, universidades, institutos) e informais (teatros, praças, museus, bibliotecas, meios de comunicação, repartições públicas, igrejas, além do trânsito, do ônibus, da rua) que pela intencionalidade das ações desenvolvidas, pode converter a cidade em território educativo, pode fazer da cidade uma pedagogia. (MOLL, 2004, p. 42)

A educação seria como o grande elo que uniria os diversos espaços e gerações. Um ideal possível? Talvez, se com vontade política, com a organização da sociedade civil, com o exercício pleno da cidadania pelos cidadãos do local.

Um sonho utópico, ao menos por enquanto, para a pequena cidade de Nova Olinda de pouco mais de cinquenta anos de emancipação política. Embora situada numa região geograficamente privilegiada, sofre com a falta de infraestrutura. Sua população, cerca de 14.000 pessoas, vive basicamente da agricultura de subsistência, são poucas as escolas, não há universidades e constantemente os seus moradores precisam deslocar-se para tentar a vida em outros centros urbanos.

No entanto, em meio a este relato, não podemos deixar de evidenciar que há na cidade uma educação e também, uma contra-educação, pois “Não se pode abordar a questão da cidadania sem falar de educação e saber”. (MÉDIONI, 2002, p. 102).

Quando as pessoas são negadas do usufruto de espaços da cidade, desprovidas de saúde, educação, moradia digna, não podem aprender a amar o lugar em que vivem, nem a identificar-se com ele. Também não podem cuidá-lo, zelá-lo, não podem ou querem conhecê-lo. É mais fácil e menos doloroso identificar-se com o “sonho consumista” constantemente divulgado na mídia. Assim, alguns enveredam por caminhos da contra-educação, os jovens avançam na bebida e, às vezes, em outras drogas, o índice de gravidez na adolescência é alto.

Daí o papel fundamental das instituições que trabalham com educação seja de caráter formal, não-formal ou informal.

Por educação formal entende-se o tipo de educação organizada com uma determinada seqüência e proporcionada pelas escolas enquanto que a designação educação informal abrange todas as possibilidades educativas presentes no decurso da vida do indivíduo, constituindo um processo permanente e não organizado. Por último, a educação não-formal, embora obedeça também a uma estrutura e a uma organização (distintas, porém, das escolas) e possa levar a uma certificação (mesmo que não seja essa a finalidade), diverge ainda da educação formal no que respeita à não fixação de tempos e locais e à flexibilidade na adaptação dos conteúdos de aprendizagem a cada grupo concreto. (AFONSO, 1989, p. 78)

Para Trilla (2008), os conceitos de educação formal, não-formal e informal são complexos e não estanques, é impossível definir fronteiras tão claras entre eles como está explicitado em Afonso (supracitado), no entanto, admite que independente do rótulo essas múltiplas e intrínsecas formas educacionais devem manter relações de reforço e de colaboração.

A idéia de que o sujeito está imerso em um meio educacional axiologicamente homogêneo, de que participa de ambiente e vivências educativamente convergentes em tudo é, em todo caso, apenas isso: uma idéia, um ideal (e até duvidoso do qual haveria muito que falar). A realidade do universo educacional, que inclui também o universo social em que se insere, é sempre muito mais heterogênea, com valores em conflito, com interesses opostos. Só um meio educacional fechado, uma instituição total, poderia se aproximar de uma educação totalmente harmoniosa e sem contradições. (TRILLA, 2008, p. 49)

A FCG trabalha com a educação não-formal, mas não dispensa de seus membros a educação formal. Arelada a esta rede, a educação informal também está emaranhada em seus espaços. O fio que dá forma a estes retalhos perpassando os seus saberes e fazeres cotidianos, é a educação patrimonial.

Assim, a educação patrimonial é tida como um processo “permanente e sistemático de trabalho educacional centrado no patrimônio cultural como fonte primária de conhecimento e enriquecimento individual e coletivo”. Em outras palavras “é um instrumento de alfabetização cultural que possibilita ao indivíduo fazer a leitura do mundo que o rodeia, levando-o à compreensão do universo sócio cultural e da trajetória histórico-temporal em que está inserido” (HORTA, GRUNBERG, MONTEIRO, 2006).

Ao trabalharem com a história, a cultura da cidade de Nova Olinda e da região do Cariri cearense, meninos e meninas partilham saberes e constroem fazeres a partir de ideias que socializadas são corporificadas em projetos e posteriormente em ações, delas se originam novas ideias e outros projetos.

É uma educação, na cidadania, e para ela, se efetiva quando o sujeito em uma busca, ao mesmo tempo pessoal e socializada, constrói o seu próprio saber, que é cultural. Como afirma Béal (2002) um saber “em todos os sentidos do verbo”, um saber “para poder sobre o mundo”.

O projeto é alimentado por gestões de construção do saber que criam novas pistas... O projeto tece laços, suscita ações, apresenta situações-problemas, cria interações... isto é, todo um contexto em que as aprendizagens assumem sentido. Permitem que as crianças construam esse poder de sonhar e de crescer que, por nos projetar no futuro, faz com que já exista outra realidade para agir, transformar, inventar, e que permite que cada um exista como pessoa, como cidadão. (BÉAL, 2002, p. 136)

O Instituto Nacional do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN enfatiza as etapas metodológicas da educação patrimonial, que reproduzimos no quando abaixo,

QUADRO 1 - ETAPAS METODOLÓGICAS: EDUCAÇÃO PATRIMONIAL – IPHAN

Etapas	Recursos/Atividades	Objetivos
1) Observação	Exercícios de percepção visual/sensorial por meio de perguntas, manipulação, experimentação, medição, anotações, comparação, dedução, jogos de detetive...	- Identificação do objeto/função/significado; - Desenvolvimento da percepção visual e simbólica.

2) Registro	Desenhos, descrição verbal ou escrita, gráficos, fotografias, maquetes, mapas e plantas baixas.	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Fixação do conhecimento percebido, aprofundamento da observação e análise crítica;</li> <li>- Desenvolvimento da memória, pensamento lógico, intuitivo e operacional.</li> </ul>
3) Exploração	Análise do problema, levantamento de hipóteses, discussão, questionamento, avaliação, pesquisa em outras fontes, como bibliotecas, arquivos, cartórios, instituições, jornais, entrevistas.	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Desenvolvimento da capacidade de análise e julgamento crítico, interpretação das evidências e significados.</li> </ul>
4) Apropriação	Recriação, releitura, dramatização, interpretação em diferentes meios de expressão, como pintura, escultura, drama, dança, música, poesia, texto, filme e vídeo.	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Envolvimento afetivo, internalização, desenvolvimento da capacidade de auto-expressão, apropriação, participação criativa, valorização do bem cultural.</li> </ul>

Fonte: Guia básico de Educação patrimonial, IPHAN, 3 ed. 2006 *apud* Noronha, 2008, 145.

No cotidiano da FCG, encontramos essas etapas em contínuo desenvolvimento. Para melhor ilustrar este fato, exibiremos uma foto de um de seus meninos aprendendo a reconhecer e limpar uma “inscrição rupestre” na chapada do Araripe.



Fonte: Noronha, 2008, p. 147.

Das muitas entrevistas, conversas informais, observações participantes que fizemos nos ambientes da FCG, também assistindo aos documentários produzidos “sobre” e “por” ela, ouvindo relatos informais provenientes da inserção do pesquisador no meio pesquisado, podemos perceber que os seus participantes desenvolveram o sentimento de pertença a este lugar e não temem sair em sua defesa.

Muitos foram os projetos (educativos e de financiamento) desenvolvidos e que estão em desenvolvimento ao longo desses quase vinte anos de FCG. Toda a estrutura que hoje esta ONG possui, foi conseguida através desses projetos. Muitas parcerias foram feitas com instituições como o Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) e com o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Este último em especial, no ano de 2009, presenteou a Casa Grande com o título “Casa do Patrimônio da Chapada do Araripe”, fortalecendo a parceria que já vinha sendo realizada entre este órgão e a FCG no campo da formação de atores sociais para a preservação da memória e do patrimônio.

Muitos dos meninos e meninas, que passaram pela FCG, hoje são referências em seus campos de trabalho. Uma jovem professora (ex-menina da ONG entrevistada) relatou como a experiência da FCG lhe ajuda na execução dos mais diversos projetos docentes. Esse fato, somado a outros depoimentos e entrevistas, evidencia que os jovens que passaram pela FCG adquiriram uma identidade que lhes possibilita um trânsito entre trabalho, respeito ao meio-ambiente, respeito ao outro e a si mesmo. Como eles mesmos dizem “aprenderam a ter a cabeça erguida”.

**Para concluir**

Como uma característica dos ambientes não formais de ensino e aprendizagem, a FCG se modifica continuamente através da ação de seus membros. Há um processo criativo bastante fluido e perene. Parafraseando Trilla (2008), não estamos em defesa de processos não-formais de aprendizagem como uma milagrosa solução para a multidão de problemas que afetam a realidade educacional atual no Brasil. Também há problemas no campo da educação não-formal, tais como indisciplina, falta de recursos, de profissionais mais capacitados, dentre outros. No caso específico da FCG, os meninos/as, seus fundadores e o pessoal da COOPAGRAN trabalham diariamente para o sucesso de suas ações, concorrem com projetos em editais públicos, ministram palestras, cursos, estudam, produzem artesanatos e primam pela honradez de seu nome. No percurso, tentam ir superando os problemas que por ventura possam ir surgindo, com a certeza do que foi colocado em epígrafe, neste artigo, de que “todos partilhamos de um mesmo mundo”.

Muitas escolas da região e até de outros estados buscam intercâmbios educacionais com a FCG para enriquecer suas práticas, percebemos isso durante a pesquisa, e acreditamos que este é o caminho para o êxito. A socialização e o intercâmbio de práticas educativas (formais, não-formais e informais) que promovam a cidadania.

### **Bibliografia**

AFONSO, Almerindo Janela. **Sociologia da Educação não-escolar:** reatualizar um, objecto ou construir uma nova problemática? In: A. J. Esteves e S. R. Stöer (orgs.), *A sociologia na escola – Professores, educação e desenvolvimento*, biblioteca das ciências do homem. Porto: Afrontamento, 1989.

APAP, Georges [et al]. **A Construção dos Saberes e da Cidadania**, da escola a cidade. Trad. Cláudia Schilling. Porto Alegre: Artmed, 2002.

BEAL, Yves. Cidadão no saber e/ou cidadão no mundo? In: APAP, Georges [et al.] **A construção dos saberes de cidadania:** da escola à cidade. Trad. Cláudia Schilling. Porto Alegre: Artmed, 2002.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. **Guia Básico de Educação Patrimonial**. 3 ed. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Museu Imperial, 2006.

MOLL, Jaqueline. A cidade educadora como possibilidade. In: TOLEDO [et al] (orgs.). **Cidade Educadora**. A experiência de Porto Alegre. São Paulo: Cortez; Instituto Paulo Freire; Buenos Aires: Ciudades Educadoras América Latina, 2004. (Coleção Ciudades Educadoras)

NORONHA, Isabelle de Luna Alencar. **As práticas educativas da Fundação Casa Grande – Memorial do Homem Kariri: Cotidiano, Saberes, Fazeres e as Interfaces com a Educação Patrimonial.** João Pessoa, PB: [s.n.] 2008. 270 f: il.. Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Comunicação e Cultura. Universidade Federal da Paraíba.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. **Cultura é patrimônio.** Um guia. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008.

ORIÁ, Ricardo. Memória e ensino de história. In: BITTENCOURT, Circe (org.), **O Saber Histórico na Sala de Aula.** 3 ed. São Paulo: Contexto, 1998 (repensando o ensino)

PARK, Margareth Brandini; FERNANDES, Renata Sieiro (orgs.) **Educação Não-Formal: Contextos, Percursos e Sujeitos.** Campinas, SP: Unicamp, CMU; Holambra, SP: Editora Setembro, 2005.

TRILLA, Jaume; GHANEM, Elie. **Educação formal e não-formal: pontos e contrapontos.** São Paulo: sumus, 2008 (Coleção pontos e contrapontos)

**Resumo:** Este trabalho traz à discussão a experiência de uma organização não governamental, a Fundação Casa Grande (FCG): Memorial do Homem Kariri, situada no interior do estado do Ceará na cidade de Nova Olinda, Brasil. Apresenta os resultados obtidos durante pesquisa que teve como foco identificar e refletir sobre o desenvolvimento das práticas educativas da citada ONG, compreender como e o que os atores sociais aprendem e ensinam com a experiência de pertencer a este contexto. Foi uma pesquisa do tipo etnográfica, que fez uso da história oral, da análise de documentos e de entrevistas semi-estruturadas, com aporte em estudos de Afonso (1989) e Ghanem e Trilla (2008), quando tratam da educação não-formal; Horta (2006) e Oliveira (2008) que trabalham o patrimônio e a educação patrimonial. Durante o percurso investigativo, verificou-se que a FCG, em suas práticas educacionais, estabelece interfaces com o contexto sociocultural no qual está inserida, como sugere o título deste trabalho.

**Palavras-chave:** educação patrimonial; educação não-formal; cidade; patrimônio.

**Resumen:** Este trabajo aporta a la discusión de la experiencia de una organización no gubernamental, la Fundación Casa Grande (FCG): Kariri Humanos Memorial, ubicado en el estado de Ceará en la ciudad de Nova Olinda, Brasil. Presenta los resultados obtenidos de la investigación que se centró en la identificación y la reflexión sobre el desarrollo de las prácticas educativas de las ONG mencionadas, y comprender cómo los actores sociales aprender y enseñar desde la experiencia de pertenecer a este contexto. Era un tipo de investigación etnográfica, que hizo uso de la historia oral, análisis de documentos y entrevistas semi-estructuradas, con el aporte de los estudios de Afonso (1989) y Ghanem y Trilla (2008), cuando se trata de educación no formal; Horta (2006) y Oliveira (2008) que trabajan la educación sobre el patrimonio y la educación patrimonial. Durante el camino de investigación, se constató que la FCG en sus prácticas educativas, el establecimiento de interfaces con el contexto sociocultural en el que opera, como sugiere el título de este trabajo.

**Palabras clave:** educación sobre el patrimonio, la educación no formal, de la ciudad, patrimonio.

**Abstract:** This paper brings into discussion the experience of a non-governmental organization, the Casa Grande Foundation (FCG): Memorial Human Kariri, located within the state of Ceara in the town of Nova Olinda, Brazil. It presents the results obtained from a research that focused on identifying and reflecting on the development of educational practices of the aforementioned ONG, and it understands how social actors learn and teach from the experience of belonging to this context. It was a kind of ethnographic research, which used oral history, document analysis and semi-structured interviews, with the contribution of studies in Afonso (1989) and Ghanem and Trilla (2008), when dealing with non-formal education; Horta (2006) and Oliveira (2008) who work the patrimony and heritage education. During the investigative route, it was found that the FCG, in its educational practices, establishes interfaces with the sociocultural context in which it operates, as this work title suggests.

**Keywords:** heritage education, non-formal education; city; patrimony.